

Meio ambiente

ASPECTOS DO MANEJO DA VERMINOSE OVINA NA REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA

Roseli Jacobi¹

Sandra Márcia Tietz Marques²

Plínio Aguiar de Oliveira³

Paulo Hentz⁴

Felipe Geraldo Pappen⁴

Cláudio Eduard Neves Semmelmann⁴

Os ovinos foram uma das primeiras espécies de animais a serem domesticados pelo homem, estando hoje presentes em praticamente todos os continentes. A ampla distribuição dos ovinos em diversos ambientes deve-se em grande parte à sua alta capacidade de adaptação aos diferentes climas e pastagens. Essa característica pode ser observada dentro do próprio território brasileiro, onde a ovinocultura é explorada em diversos estados, tanto com fins lucrativos, quanto para subsistência de famílias em áreas rurais (VIANA, 2008).

A ovinocultura brasileira vem apresentando um crescimento constante. Isto se deve ao aumento no consumo da carne ovina e à viabilização desse sistema de produção em áreas impróprias para outras explorações pecuárias ou mesmo para a implantação de lavouras (NICIURA; VERÍSSIMO; MOLENTO, 2009).

No entanto, a produção de ovinos enfrenta dificuldades de manejo sanitário, reprodutivo e nutricional, bem como carência de assistência técnica e mão de obra qualificada. Ainda, confronta-se com antigos problemas, como a sazonalidade na produção, problemas de industrialização, entre outros (SIMPLÍCIO, 2011). Um dos maiores problemas, reconhecidos por diversos autores, são as parasitoses gastrointestinais (AMARANTE et al., 2004; ECHEVARRIA; PINHEIRO; RIBEIRO 2003; PALOSCHI; RAMOS, 1991).

Frente ao exposto, o presente estudo objetivou discutir aspectos do manejo da verminose ovina na região oeste de Santa Catarina, buscando informações junto aos produtores pertencentes ao Conselho de Criadores de Cordeiros do Alto Uruguai Catarinense (CCAC), por meio de aplicação de um questionário aos criadores que tiveram interesse em participar do trabalho.

Os resultados obtidos demonstraram que 62% (16/26) dos produtores consideram a verminose ovina como a principal causa de perdas produtivas em suas criações. A importância da verminose ovina na região está de acordo com os dados de Bonino et al. (2004), que afirmam que o parasitismo gastrointestinal é a maior causa de morte na criação de ovinos, limitando o sistema de produção e

1 Servidora Técnica-administrativa, Especialista, do Instituto Federal Catarinense Câmpus Concórdia.

2 Servidora Técnica-administrativa, Doutora, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

3 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Parasitologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

4 Professor do Instituto Federal Catarinense Câmpus Concórdia.

estando presente em todos os estabelecimentos rurais do país. Além disso, sabe-se que o principal parasito em ovinocultura é *Haemonchus contortus* (OLIVEIRA, 2007).

Outra importante causa de morte relatada por 11,5 % (3/26) dos produtores foram as perdas por partos distócicos. Além disso, também foi citada a ocorrência de predadores por 8% (2/26) dos produtores, tendo sido relatada a presença de cães errantes nas propriedades que não mantêm o rebanho fechado à noite. Segundo Carvalho et al. (2006), o mesmo acontece no rebanho ovino gaúcho, em que a morte de cordeiros por ataque de cachorros e animais carnívoros silvestres é também responsável pela diminuição gradativa do rebanho ao longo dos anos, por produtores desestimulados. Recolher animais debilitados, ovelhas com crias novas, principalmente no inverno, protege os mesmos contra doenças pulmonares e ataques de predadores (PORTELLA; VAZ, 2008). Outras doenças como diarreias, intoxicações e mastite foram relatadas por 11,5% (3/26) dos produtores. Por fim, 8% (2/26) relataram não ter tido óbito em suas criações em período recente e 21% (7/33) não responderam esta questão.

Quanto à escolha do produto para controle de verminose, 91% (30/33) dos produtores escolhem o mesmo por meio de observação pessoal, ou seja, fazem a aplicação do produto e observam se houve melhora na aparência geral dos animais e no ganho de peso. Outros 9% (3/33) seguem a indicação do vendedor da agropecuária. Além disso, 79% (26/33) dos produtores fazem alternância de princípios ativos dos anti-helmínticos a cada tratamento. Pesquisadores alertam que, com a utilização de drogas de forma pouco criteriosa, muito em breve haverá a redução das fontes de controle químico causando graves prejuízos para produtores que dependem exclusivamente desta atividade (MOLENTO et al., 2004).

Dos 33 produtores, apenas 27% (9/33) realizam o cálculo dosagem do vermífugo baseado no peso real dos animais, enquanto os outros 73% fazem a observação visual e estimam o peso dos animais, o que pode resultar em super ou sub dosagens; o recomendado é pesar o maior animal do rebanho e usar o peso como padrão, se houver uma diferença muito grande é recomendável dividir as categorias em leves, medianos e pesados, da mesma forma, não utilizar doses recomendadas para caprinos, em ovinos, pois normalmente estas são mais altas para caprinos (HASSUM, 2009). Muito importante observar que dentro das categorias devem-se agrupar animais em lotes de peso aproximado, para melhor cálculo da dose recomendada e menores chances de intoxicação por superdosagem (RUAS; BERNE, 2001).

Na evermifugação dos animais, 48,5% (16/33) dos produtores utilizam seringa descartável e 51,5% (17/33) pistola de metal. É recomendável o uso de seringas descartáveis, pois estas contribuem para que não ocorram erros de dosagem, já que a mesma dispensa calibrações. Quando em aplicações orais, as pistolas de metal podem ser úteis, desde que corretamente calibradas, por possuírem um bico de metal longo, adequado à prática por estimular a mastigação e deglutição dos ovinos quando colocado entre os dentes molares e pré-molares superiores e inferiores. Tal manejo evita os problemas de falsa via quando frações do produto podem atingir os pulmões, podendo chegar à pneumonias por aspiração de corpo estranho (anti-helmíntico). Por outro lado, o produtor deve ter cuidado na manipulação deste equipamento, pois sua má utilização poderá ocasionar lesões orofaríngeas e neurológicas nos ovinos associadas à agentes oportunistas, principalmente bacterianos, que podem fazer uso dessa porta de entrada e migrar para outros tecidos (SANT'ANA et al., 2007).

Verificou-se que 51% (17/33) dos produtores seguem o intervalo de 60 dias e 09 produtores o intervalo de 30 dias entre as aplicações de anti-helmínticos. O número de evermifugações deve ser o menor possível ao longo do ano, pois a frequência de aplicações está diretamente relacionada ao surgimento de resistência dos parasitos aos princípios ativos; também é importante a correta determinação do momento da aplicação dos anti-helmínticos, somente quando houver necessidade (SOTOMAIOR et al., 2009).

Para que diminuam os casos de resistência parasitária é aconselhável fazer uso de tratamentos seletivos, que consistem em tratar somente animais que apresentem algum sinal de anemia, diarreia, edema ou queda de produção, deixando o restante do rebanho sem anti-helmíntico. Dois bons critérios para a realização dos tratamentos são os exames de fezes (GORDON; WHITLOCK, 1939; WHITLOCK, 1948) e a aplicação do método FAMACHA (SOTOMAIOR, 2009).

Sobre a utilização do método FAMACHA, 64,5% (20/31) dos produtores afirmaram realizar como auxílio no controle da verminose ovina, enquanto 35,5% (11/31) relataram não praticá-lo. Apenas dois produtores não responderam ao questionamento. Em relação aos que realizam este método, a maioria (14/20) não soube dizer com que frequência realiza o manejo, 05 produtores afirmam realizar a

prática a cada 15 dias, 09 a cada 30 dias e 02 a cada 90 dias. Segundo Molento e Almeida (2004) este método seletivo, em situações reais no campo, deve ser realizado com relativa frequência, a cada duas ou três semanas, principalmente no verão. Em épocas muito quentes e úmidas, como pode ocorrer na segunda metade do verão, o ideal é que as inspeções sejam realizadas semanalmente, evitando eventuais mortes dos animais.

Observou-se que 73% (24/33) dos produtores declararam nunca ter realizado coleta e envio de fezes para Contagem de Ovos por Grama de Fezes (OPG) em laboratório (GORDON; WHITLOCK, 1939; WHITLOCK, 1948). Outros 27% (9/33) afirmaram já terem remetido material fecal a algum laboratório de diagnóstico. Tais locais estariam localizados em municípios do Oeste Catarinense, ressaltando a importância desse tipo de serviço na região ao alcance dos produtores.

Estudos de seleção de animais resistentes no Brasil e no mundo têm sido baseados em resultados de exames de OPG sucessivos (BENAVIDES, 2008) e, portanto, se realizado mensalmente pode fornecer bons parâmetros ao ovinocultor.

Quanto à aplicação dos vermífugos, verificou-se que 91% (30/33) dos proprietários realizam pessoalmente a aplicação dos vermífugos; já em 9% (3/33) das propriedades os funcionários é que aplicam o produto. Sugere-se que sempre a mesma pessoa faça a aplicação de vermífugos, principalmente se utilizar como auxílio o método FAMACHA por este requerer treinamento reduzindo as possibilidades de erro (SOTOMAIOR et al., 2009).

Em relação à formação profissional, 36% (12/33) dos entrevistados declararam ter feito algum curso profissionalizante, junto a instituições, como o Instituto Federal Catarinense Câmpus Concórdia/Epagri e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural/SC (SENAR), com carga horária de 03 a 40 horas, constando um curso técnico em agropecuária de 03 anos. Dentre os produtores que já realizaram cursos, somente 8% (1/12) fez mais de um. Foram citados cursos de tosquia, inseminação artificial e manejo geral de ovinos. Embora a maioria dos produtores realize pessoalmente os manejos relacionados ao controle da verminose, 64% deles não realizou nenhum tipo de capacitação.

Quando perguntados sobre a assistência veterinária, 70% (23/33) afirmaram não fazer uso de serviços profissionais, enquanto os outros 30% (10/33) relataram ter a referida assistência. Somente 35% dos produtores de ovinos no Brasil fazem controle parasitário sob orientação de um Médico Veterinário, situações onde acontecem no máximo 12 aplicações de anti-helmíntico ao ano, segundo Molento e Almeida (2004).

Como considerações finais, pode-se dizer que a verminose é a principal causa das perdas produtivas nos rebanhos estudados, e que as decisões dos produtores em relação ao controle da verminose são na maioria baseadas em noções práticas e empíricas. Tais fatos reforçam a necessidade de estudo e capacitação de acadêmicos de ciências agrárias, profissionalização dos produtores e orientação por parte dos técnicos, na implementação de medidas efetivas de controle integrado da verminose ovina.

Referências

AMARANTE, A.F.T.; BRICARELLO, P.A.; ROCHA, R.A. et al. Resistance of Santa Ines, Suffolk and Ile de France lambs to naturally acquired gastrointestinal nematode infections. **Veterinary Parasitology**, v. 120, p.91-106, 2004.

BENAVIDES, M. V. **Prós e contra da resistência genética dos ovinos aos helmintos gastrintestinais**. Bagé: Embrapa Pecuária Sul, 32p., 2008. (Documentos/Embrapa Pecuária Sul, 79).

BONINO, J.; CASARETTO, A.; CASTELLS, D.; PEREIRA, D.; SCREMINI, P. Parasitos internos. In: **Práticas em ovinocultura: ferramentas para o sucesso**. Traduzido por Msc. Octaviano Alves Pereira Neto (Org.). Porto Alegre: SENAR-RS. 2004. p.57-75.

CARVALHO, P.C de F.; FISCHER, V.; SANTOS, D.T. dos.; RIBEIRO, A.M.L.; QUADROS, F.L.F. de.; CASTILHOS, Z.M.S.; POLI, C.E.C.; MONTEIRO, A.L.G.; NABINGER, C.; GENRO, T.C.M.; JACQUES, A.V.A. Produção animal no Bioma Campos Sulinos. **Brazilian Journal of Animal Science**, João Pessoa, v. 35, n. Suplemento Especial, p. 156-202, 2006.

ECHEVARRIA, F.A.M.; PINHEIRO, A.C.; RIBEIRO, L. Saúde: Verminose Ovina. In: **Sistemas de criação de ovinos em ambientes ecológicos do Sul do Rio Grande do Sul**, SALOMONI, E. (Org.). 1. ed. Bagé, 2003. 181p.

GORDON, H. Mc L.; WHITLOCK, H.V. A new technique for counting nematode eggs in sheep faeces. **Journal of the Council for Scientific and Industrial Research**, v. 12, p.50-52. 1939.

HASSUM, I.C., **Dicas gerais para o controle da verminose na produção de pequenos ruminantes**. Bagé, RS: Embrapa Pecuária Sul. 2009. (Comunicado Técnico/Embrapa Pecuária Sul, 71).

MOLENTO, B.M.; ALMEIDA, L. Parasite control strategies adopted by sheep and goat farmers. In: Brazilian Conference of Veterinary Parasitology, 13, 2004. Ouro Preto. **Anais ... Ouro Preto**, MG: BCVP, 2004. p. 455.

NICIURA, S. C. M.; VERÍSSIMO, C. J.; MOLENTO, M. B. **Determinação da eficácia anti- helmíntica em rebanhos ovinos: metodologia de colheita de amostras e de informações de manejo zoossanitário**. 1. ed. São Carlos: Embrapa Pecuária Sudeste, 2009. 27 p.

OLIVEIRA, M.C.S. Controle dos Parasitas Gastrintestinais de Ovinos. In: **Controle da Verminose, Mineralização, Reprodução, e Cruzamentos de Ovinos na Embrapa Pecuária Sudeste**. CHAGAS, A.C. de S.; OLIVEIRA, M.C. de S.; FERNANDES, I.B.; MACHADO, R.; ESTEVES, S.N.; SALES, R.L.; JUNIOR, W. B. (Orgs.). São Carlos: Embrapa Pecuária Sudeste, 2007. 44p. (Documentos/Embrapa Pecuária Sudeste, 65).

PALOSCHI, C.G.; RAMOS, C.I. **Verminose Ovina em Santa Catarina**. Florianópolis: Empasc, 1991. 32 p. (Boletim técnico/EMPASC, 54).

PORTELLA, J. da S.; VAZ, C.M.S.L. Instalações: estábulo ou aprisco. In: **Sistemas de criação de ovinos em ambientes ecológicos do Sul do Rio Grande do Sul**, SALOMONI, E. (Org.). 1. ed. Bagé, 2003. 181p.

RUAS, J.L.; BERNE, M.E.A. Parasitoses por nematoides gastrintestinais em bovinos e ovinos. In: **Doenças de ruminantes e equinos**, RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; MÉNDEZ, M., del C.; LEMOS., R. A. A. (Orgs.). São Paulo: Varela, 2001. 574 p.

SANT'ANA, F.J.F.; GARCIA, E.C.; RABELO, R.E.; COSTA, Y.L.; SCHILD, A.L.; RIET-CORREA, F. Lesões orofaríngeas e neurológicas em ovinos associadas ao uso de pistolas dosificadoras. **Pesquisa Veterinária Brasileira**. n.27, v.7, p. 282-286, 2007.

SIMPLÍCIO, A.A. Caprinocultura e ovinocultura de corte no Brasil: pontos para reflexão. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Brasília, n. 52, p. 27-36, 2011.

SOTOMAIOR, C.S.; MORAES, F.R.; SOUZA, F.P.; MILCZEWSKI, V.; PASQUALIN, C.A. **Parasitoses gastrintestinais dos ovinos e caprinos: alternativas de controle**. Curitiba: Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural, 2009. 36p. (Informação Técnica/Emater, 080).

VIANA, J.G.A. Panorama geral da ovinocultura no mundo e no Brasil. **Revista Ovinos**, Porto Alegre: Ano 4, n. 12, 2008 – Mensal.

WHITLOCK, H.V. Some modifications of the McMaster helminth egg-counting technique and apparatus. **Journal of the Council for Scientific and Industrial Research**, v. 21, p.177-180, 1948.